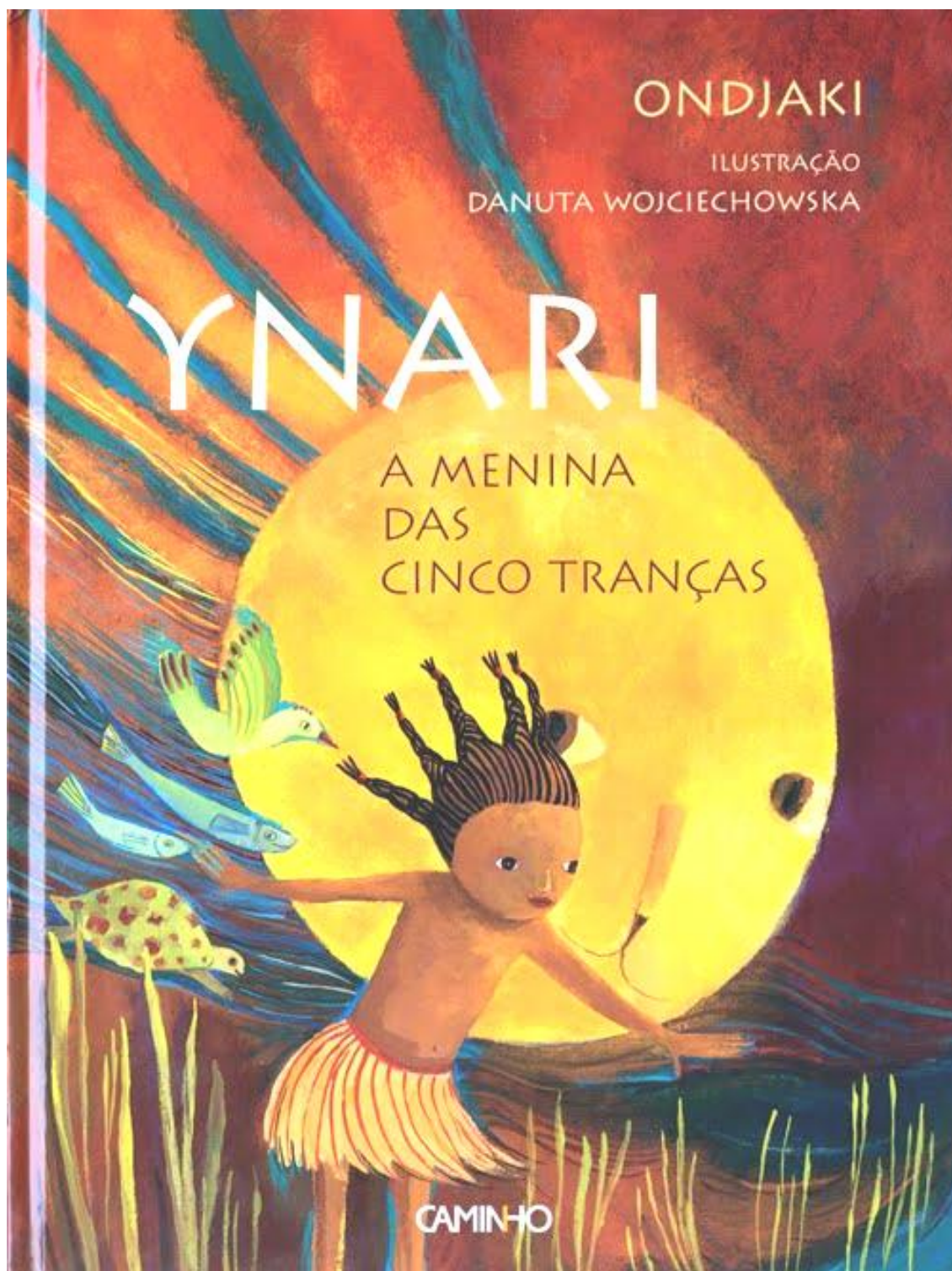


ANEXO I



Para escrever uma estória como esta, eu tive que espremer um sonho.

Ora, espremer um sonho, como se sabe, não é uma coisa muito fácil de se fazer, pelo que, muitas vezes, pedimos ajuda aos nossos amigos. Por vezes, os nossos amigos não sabem que nos estão a ajudar, mas a verdade é esta: uma frase dita tem muita força, um abraço tem muito encanto, um olhar tem (pelo menos) mil gotas de sonho...

Não posso deixar de agradecer, aqui, a algumas crianças adultas que de vez em quando me emprestam gotas dos sonhos deles: Vergílio A. Vieira, Dada, Dario de Melo, Jacques dos Santos, Danuta e todas as vozes, deste e do outro mundo, que estão sempre comigo quando escrevo.

Ondjaki.

Para todas as crianças angolanas
e para as crianças de todo mundo
e para ti, Angola

YNARI
A MENINA DAS CINCO TRANÇAS
Autor: Ondjaki
Ilustradora: Danuta Wojciechowska
Capa e arranjo gráfico: Lupa Design
© Editorial Caminho, SA, Lisboa, 2004
Tiragem: 5000 exemplares
Pré-impressão: Textype
Impressão e acabamento: Tipografia Peres
Data de impressão: Setembro de 2004
Depósito legal: 211 507/04
ISBN: 972-21-1636-3

www.editorial-caminho.pt

6

Era uma vez uma menina que tinha cinco tranças lindas e se chamava Ynari. Ela gostava muito de passear perto da sua aldeia, ver o campo, ouvir os passarinhos, e sentar-se junto à margem do rio.

Certa tarde, já o Sol se punha, Ynari ouviu um barulho. Não eram os peixes a saltar na água, não era o cágado que às vezes lhe fazia companhia, nem era um passarinho verde. Do capim alto saiu um homem muito pequenino com um sorriso muito grande. E embora ele não fosse do tamanho dos homens da aldeia de Ynari, ela não se assustou.

O homem muito pequenino andava devagarinho e devagarinho se aproximou.

– Olá! – cumprimentou.

– Olá – respondeu Ynari, receando que estivesse a falar alto de mais para o tamanho do ouvido do homem muito pequenino.

– Desculpa, mas não sei o teu nome...

– Eu também não sei o meu nome... –

desculpou-se o homem muito pequenino.

– Mas chamam-me homem pequenino.

– Ah, está bem... – sorriu Ynari, enquanto se deitava na relva para ficar mais perto dele.

– Eu tenho um nome só, quer dizer, uma só palavra: chamo-me Ynari.





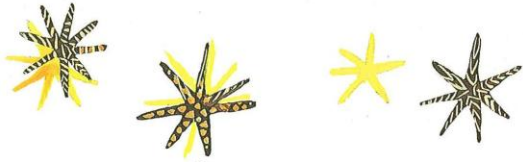
- Ynari é um nome muito bonito – o homem pequenino sentou-se, ficando, assim, ainda mais pequeno.
- Posso fazer uma pergunta, homem muito pequenino?
- Podes fazer muitas perguntas.
- De onde vens?
- Venho da minha aldeia, que fica mais para cima, junto à nascente do rio.
- E lá, na tua aldeia, são todos pequeninos?
- Sim, somos todos mais pequenos que vocês, quer dizer, depende daquilo que entendemos por «pequeno». Não achas?
- Nunca tinha pensado nisso. Sempre pensei que uma coisa menor fosse uma coisa pequena...
- Pode não ser assim... Conheces a palavra «coração»?



- Conheço! – sorriu Ynari. – E não é só uma palavra, é isto que bate dentro de nós – e mostrou no seu peito onde o coração batia.
- Claro, e... O coração é pequeno para ti?
- É... e não é! Cabe tanta coisa lá dentro, o amor, os nossos amigos, a nossa família...
- Vês? – disse o homem mais pequeno que ela. – Às vezes uma coisa pequenina pode ser tão grande...

Os dois ficaram por um tempo calados, olhando o Sol que, do outro lado do rio, quase já tinha desaparecido. Assim, tão amarelada que estava a tarde, parecia que o Sol se ia afogar no rio e que os peixes, saltando, se queimavam nos seus raios avermelhados. Estiveram algum tempo assim, até que Ynari começou a brincar com as suas tranças: eram cinco tranças lindas, negras, compridas. A menina tinha olhos enormes que brilhavam muito e lábios carnudos muito bonitos.

- E tu, de onde vens? – perguntou o homem mais pequeno que Ynari.
- Eu venho daquela aldeia ali – apontou a menina na direcção das cubatas. – Vivo ali com a minha mãe, o meu pai, a minha avó e o meu povo.
- E quem te faz as tranças?
- Ninguém me faz estas tranças, porque elas não se desfazem... A minha avó diz que eu já nasci com as tranças e que um dia vou saber porquê. Eu gosto muito de brincar com as minhas tranças.



Levantaram-se, os dois, e caminharam junto ao rio. Agora o homem mais pequenino que Ynari já não lhe parecia tão pequenino, nem era estranho caminhar ao seu lado, embora ele fosse muito mais baixo do que a menina. De vez em quando, Ynari afastava os capins mais altos para que o homem mais pequeno pudesse caminhar livremente.

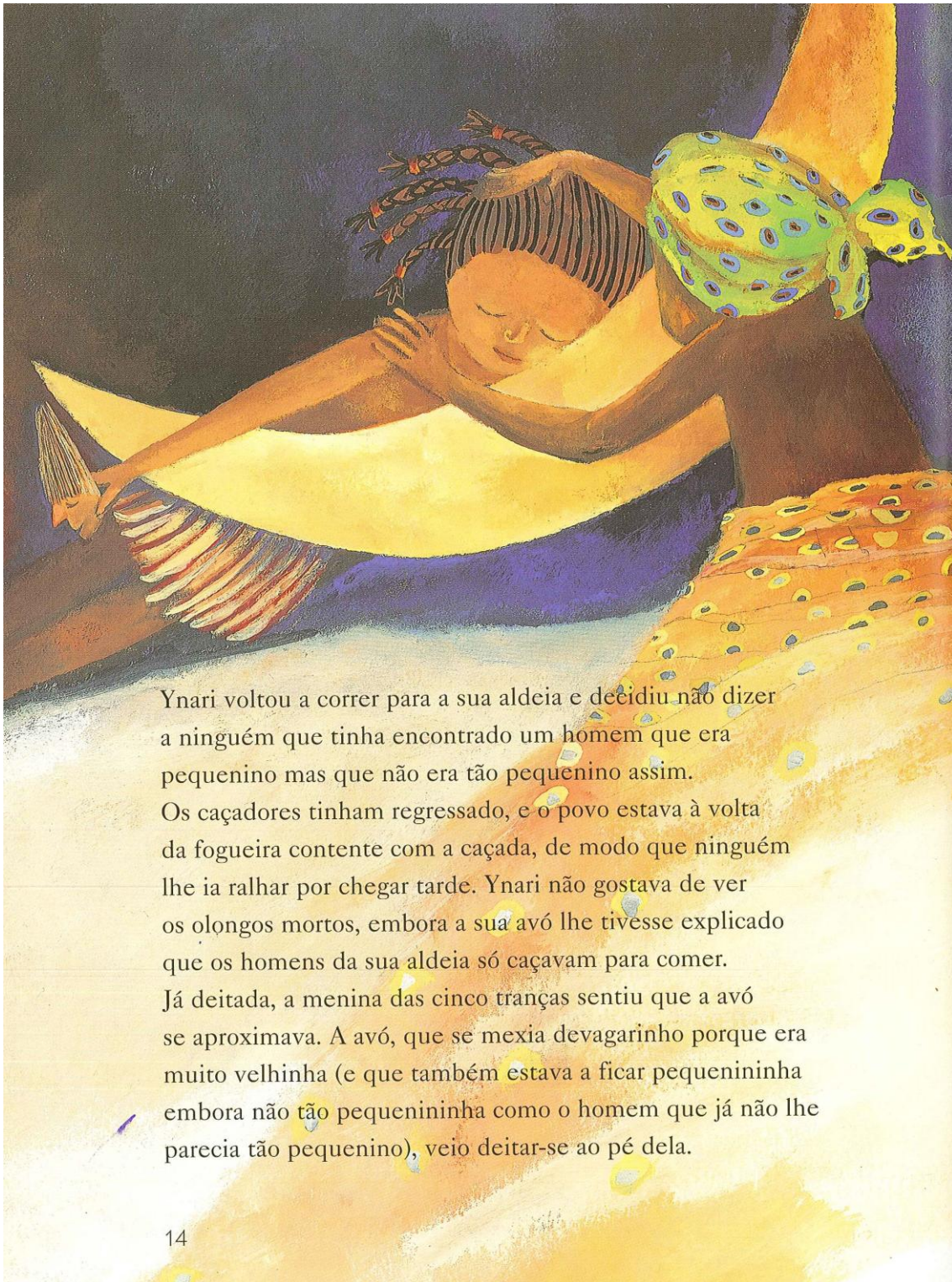
- Não tens medo dos bichos? – ela perguntou.
- Não. Os bichos não fazem mal nenhum... E mesmo a palavra «medo» pode ser vivida de várias maneiras.
- Mas quando estás perto de uma palanca negra gigante, tens medo, ou não?
- Sabes, Ynari, nunca estive muito perto de uma palanca negra gigante, embora já a tenha visto muitas vezes. E tu?
- Eu só a vejo de longe.
- A palanca negra gigante correu até perto de ti, fez-te mal?
- Não, nunca.
- Vês... Não precisas de usar a palavra «medo».
- Também acho... – disse Ynari, dando a mão ao homem simplesmente pequeno.

Já era mesmo de noite. O céu não tinha nuvens nenhuma e estava cheio de estrelas para se contar. Os dois olharam o céu, que era escuro e brilhante ao mesmo tempo.

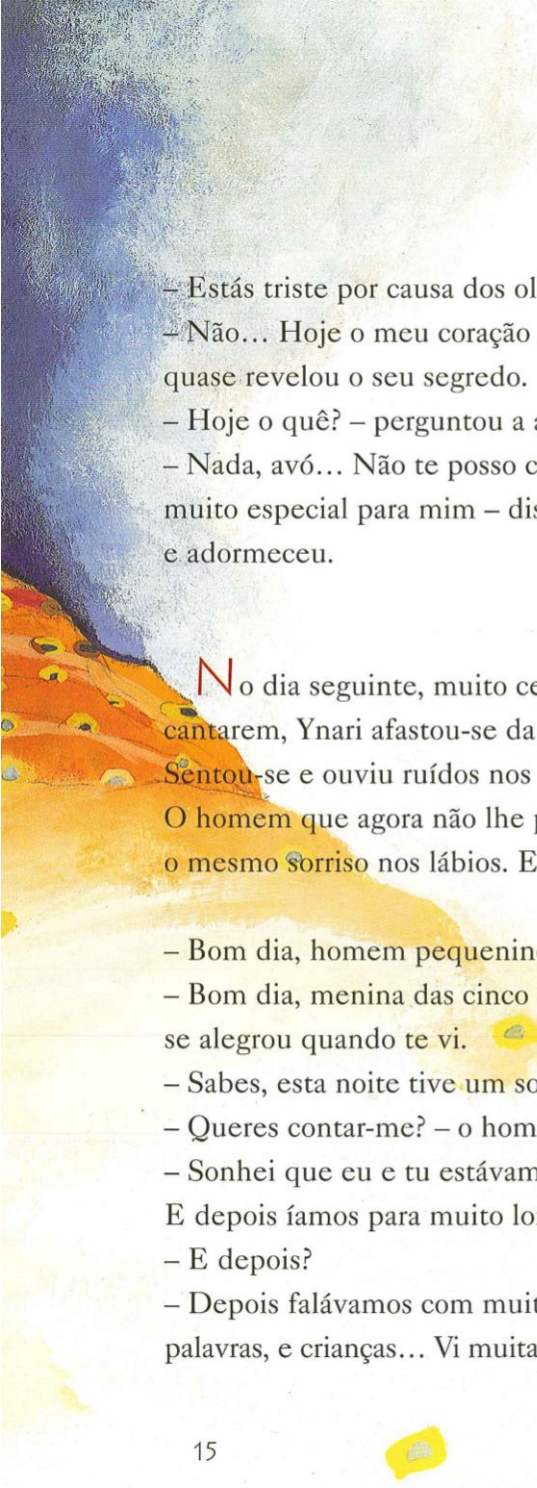
- Olha tantas estrelas...
- Estou a olhar – disse o homem simplesmente pequeno.



- Parece que dançam! – Ynari sorria de contente.
- É verdade... parece mesmo. Deve ser altura de usarmos a palavra «admiração», não achas? – sorriu o homem simplesmente pequeno.
- Acho, sim... Mas, olha, tenho que ir.
- Se tens que ir, tens que ir.
- Amanhã posso ver-te? – perguntou Ynari.
- Podes. Amanhã estarei ali, no mesmo sítio onde hoje nos encontrámos, junto ao rio, junto ao nascer do Sol.
- Amanhã podemos brincar com mais palavras?
- Claro. Podemos sempre brincar com as palavras...! – sorriu o homem que já não parecia tão pequenino.
- Bons sonhos – despediu-se Ynari, a correr. – Até amanhã.
- Até amanhã. Bons sonhos para ti também.



Ynari voltou a correr para a sua aldeia e decidiu não dizer a ninguém que tinha encontrado um homem que era pequenino mas que não era tão pequenino assim. Os caçadores tinham regressado, e o povo estava à volta da fogueira contente com a caçada, de modo que ninguém lhe ia ralhar por chegar tarde. Ynari não gostava de ver os olongos mortos, embora a sua avó lhe tivesse explicado que os homens da sua aldeia só caçavam para comer. Já deitada, a menina das cinco tranças sentiu que a avó se aproximava. A avó, que se mexia devagarinho porque era muito velhinha (e que também estava a ficar pequenininha embora não tão pequenininha como o homem que já não lhe parecia tão pequenino), veio deitar-se ao pé dela.



– Estás triste por causa dos olongos? – a avó perguntou.
– Não... Hoje o meu coração não ficou triste. Hoje... – e Ynari quase revelou o seu segredo.
– Hoje o quê? – perguntou a avó.
– Nada, avó... Não te posso contar ainda. Mas hoje foi um dia muito especial para mim – disse Ynari, deu um beijinho à avó, e adormeceu.

No dia seguinte, muito cedo, mesmo antes de os galos cantarem, Ynari afastou-se da aldeia em direcção ao rio. Sentou-se e ouviu ruídos nos capins altos.

O homem que agora não lhe parecia tão pequeno apareceu com o mesmo sorriso nos lábios. Ela virou-se e cumprimentou:

– Bom dia, homem pequenino. Estou contente por te ver!
– Bom dia, menina das cinco tranças... Também o meu coração se alegrou quando te vi.
– Sabes, esta noite tive um sonho...
– Queres contar-me? – o homem pequeno sentou-se.
– Sonhei que eu e tu estávamos aqui sentados, em frente ao rio. E depois íamos para muito longe, acho que era a tua aldeia...
– E depois?
– Depois falávamos com muitos homens... E havia muitas palavras, e crianças... Vi muitas imagens, não me lembro de tudo.

- Se calhar devemos aqui usar a palavra «confusão»... É isso? – sorriu o homem menos pequenino.
– É mesmo – desatou a rir Ynari, a menina das cinco tranças.
– É uma grande confusão, sim...

Estavam assim os dois conversando sobre as palavras, a importância que as palavras tinham na vida de cada um, como as usavam, quando as usavam, com quem as usavam, e que significados tinham para o coração de cada um deles. Ynari tentou explicar-lhe que havia palavras que para ela tinham mais do que um significado ou que lhe provocavam mais do que uma só alegria ou uma só tristeza. A menina disse que era difícil explicar às crianças da sua idade como gostava de palavras, e o que as palavras podiam fazer entre duas pessoas.

– Sempre gostei muito das palavras, mesmo daquelas que ainda não conheço, sabes? Existem palavras que estão no nosso coração e que ainda nunca estiveram na nossa boca... Nunca sentiste isso? – finalmente perguntou Ynari, depois de tantas e tantas palavras ditas.



O homem mais ou menos pequeno escutou, atento a tudo. E ia começar a falar quando, do outro lado do rio, lá em cima de uma montanha, um grupo de homens com armas na mão começou a disparar contra outro grupo de homens com armas na mão.

Dali, daquele lado do rio, Ynari e o homem mais ou menos pequeno podiam ver tudo: aqueles homens não gostavam uns dos outros, e usavam as armas e as balas e as vidas uns dos outros para mostrar a sua raiva. Ynari estava assustada mas não se mexeu. O homem mais ou menos pequeno fechou um bocadinho os olhos, como fazem as pessoas que querem ver melhor coisas que estão a acontecer muito longe.

Depois os tiros pararam e alguns homens correram em direcção a esta margem do rio. Ynari e o homem mais ou menos pequeno esconderam-se atrás dos capins altos e agacharam-se sem fazer barulho. Ynari tremia de medo e os seus olhos mostravam que estava assustada. Apertou com muita força a mão daquele homem pequeno, e ele disse-lhe baixinho:

– Não tenhas medo, Ynari...

Os homens com armas na mão vieram e puseram-se a dormir. O homem pequeno saiu dos capins altos, foi até muito perto deles. Mexia-se de um modo estranho e dizia, baixinho, umas tantas palavras. De repente, as armas dos homens que estavam a dormir transformaram-se em armas de barro.

Ynari espreitava escondida nos capins altos e ficou com a boca toda aberta de espanto: era um homem pequeno e mágico! O homem pequeno e mágico voltou devagarinho, pegou na mão de Ynari e caminharam para norte, sempre junto ao rio. Parecia que não tinham caminhado muito, mas a vegetação era toda diferente: as flores eram mais amareladas e as árvores mais altas.

Depois afastaram-se do rio e finalmente pararam junto de duas enormes árvores que, lá bem em cima, se tocavam.



– Para isto... podemos usar as palavras «portão de árvore»? – disse Ynari, enquanto olhava muito espantada, porque o «portão de árvore» era muito alto e bonito.

– Sim – respondeu o homem pequeno e mágico. – Podes usar essas palavras... Este é o portão de árvore onde começa a minha aldeia!

– Ah! – exclamou Ynari, cheia de curiosidade.

Entraram na aldeia.

O que pisavam era um capim muito curto, muito verde, muito bom de se pisar porque era suave e estava sempre molhado.

Quando olhou com mais cuidado, Ynari viu muitas árvores pequenas e percebeu que eram as casas dos homens pequenos. Eram, como ela mesma pensou, «as casas pequenas dos homens pequenos».

Muitos homens e mulheres (todos pequenos) espreitavam das suas árvores pequenas para olhar a menina que passava de mãos dadas com o homem pequeno e mágico.

– És tu o soba da aldeia? – Ynari perguntou.

– Não – sorriu o homem pequeno e mágico. – Nesta aldeia não temos soba.



Pararam diante de uma árvore muito antiga. O homem pequeno e mágico roçou o cotovelo no casco da árvore, e ouviram-se passinhos vindos de dentro. Ynari encolheu-se atrás do homem pequeno e mágico.

– Não tenhas medo, Ynari, quero te apresentar duas pessoas muito especiais.

Era um velho muito velho com umas barbas muito grandes que quase chegavam ao chão. Caminhava com a ajuda de um pau torto, muito torto, que era como se fosse a sua bengala pequenina.

– Ynari: este é o velho muito velho que inventa as palavras – disse o homem pequeno e mágico.

O velho olhou para cima, para o rosto belo de Ynari, e sorriu.

Bateu três vezes com a sua bengala pequenina no chão, que era a sua maneira de dizer que estava contente. Atrás dele apareceu outra velha muito velhinha, só que não tinha barbas, tinha uma trança branca muito comprida.



– Ynari: esta é a velha muito velha que destrói as palavras – disse o homem pequeno e mágico.

Logo depois Ynari foi sendo apresentada a outros homens pequenos e mulheres pequenas. Enquanto se preparava uma festa pequenina por causa da chegada de Ynari, ela afastou-se com o homem pequeno e mágico e sentaram-se numa pedra alta, de onde se via toda a aldeia dos homens pequenos.

– Tu és um mágico, homem pequeno! – disse Ynari, espantada.

– Todos somos mágicos, Ynari. Aqui vais aprender que todos somos mágicos...

– Tu encantas as armas!, as armas ficaram de barro – disse, espantada, Ynari. – Imagino quando eles agora forem disparar! – desatou a rir a menina das cinco tranças.

– Aquelas armas já não disparam. Agora podemos utilizar a palavra «inútil».

– O que é «inútil»? – quis saber Ynari.

– É aquilo que já não é útil, ou seja, que já não serve para nada.

– Ah... Diz-me uma coisa – Ynari olhou para o homem pequeno e mágico. – Todos somos mesmo mágicos?

– Sim, todos. Mas cada um tem que descobrir a sua magia.

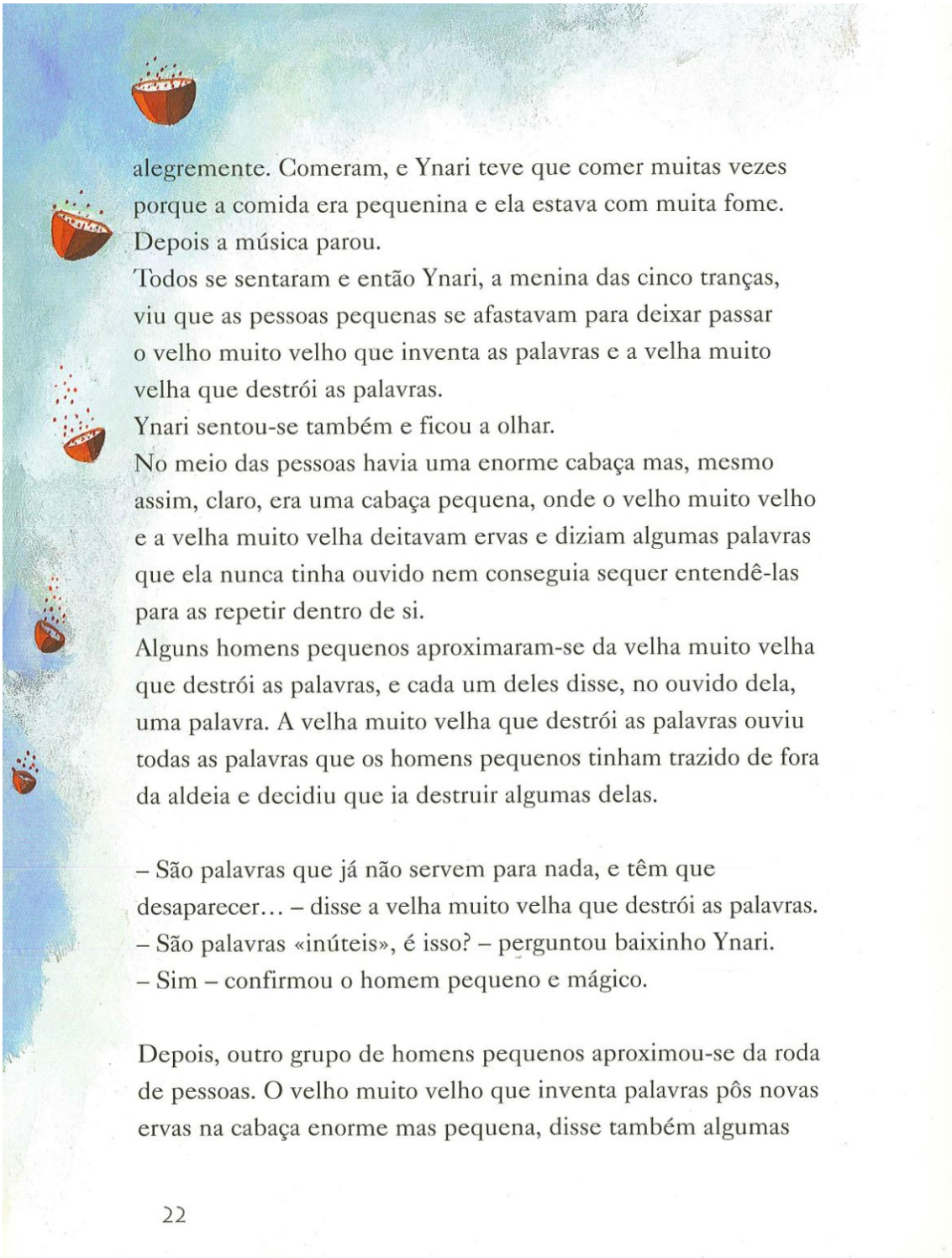
– Eu queria descobrir a minha...

– Já não falta muito – disse o homem pequeno e mágico enquanto se levantava. – Já não falta muito, Ynari.



Entretanto a festa estava pronta.

Alguns homens pequenos com batuques pequenininhos começaram a tocar, outros dançavam, e muitos riam



alegremente. Comeram, e Ynari teve que comer muitas vezes porque a comida era pequenina e ela estava com muita fome.

Depois a música parou.

Todos se sentaram e então Ynari, a menina das cinco tranças, viu que as pessoas pequenas se afastavam para deixar passar o velho muito velho que inventa as palavras e a velha muito velha que destrói as palavras.

Ynari sentou-se também e ficou a olhar.

No meio das pessoas havia uma enorme cabaça mas, mesmo assim, claro, era uma cabaça pequena, onde o velho muito velho e a velha muito velha deitavam ervas e diziam algumas palavras que ela nunca tinha ouvido nem conseguia sequer entendê-las para as repetir dentro de si.

Alguns homens pequenos aproximaram-se da velha muito velha que destrói as palavras, e cada um deles disse, no ouvido dela, uma palavra. A velha muito velha que destrói as palavras ouviu todas as palavras que os homens pequenos tinham trazido de fora da aldeia e decidiu que ia destruir algumas delas.

– São palavras que já não servem para nada, e têm que desaparecer... – disse a velha muito velha que destrói as palavras.

– São palavras «inúteis», é isso? – perguntou baixinho Ynari.

– Sim – confirmou o homem pequeno e mágico.

Depois, outro grupo de homens pequenos aproximou-se da roda de pessoas. O velho muito velho que inventa palavras pôs novas ervas na cabaça enorme mas pequena, disse também algumas

palavras que Ynari não conseguia lembrar, mesmo assim, estando ainda as palavras tão frescas. Os homens pequenos punham a mão na cabaça enorme mas pequena, bebiam um pouco do líquido e aproximavam-se do velho muito velho que inventa palavras. Ele dizia uma palavra no ouvido de cada um e eles abandonavam a aldeia dos homens pequeninos para voltarem só no próximo cacimbo.

O homem pequeno e mágico foi chamado ao centro, e apresentou Ynari, a menina das cinco tranças.

Também Ynari foi chamada ao centro pela velha muito velha e pelo velho muito velho.

Ela foi devagarinho, caminhando envergonhada por estar tanta gente pequenina a olhar para ela.

– Agora és tu, Ynari – disse o homem pequeno e mágico.

– Vou saber a minha magia? – perguntou Ynari.

O homem pequeno e mágico foi-se sentar, e Ynari, a menina das cinco tranças, ficou perto da cabaça enorme mas pequena, ouvindo a velha e o velho.

A velha muito velha que destrói as palavras falou assim:

– Cada pessoa sua magia; cada árvore sua raiz. O peixe só sabe nadar na água. O humbi-humbi preso, nas gaiolas, morre. Coisa de metal que sai metal e fumo, destruímos. Coisa de metal que vira semente e mata, destruímos. De noite, olhar e respeitar as estrelas. De dia, olhar e imitar os animais. Primeiro somos

crianças, depois somos caçadores, depois temos crianças, depois ficamos a olhar as crianças. O cágado, sempre lento, é quem chega primeiro. Mais sabedoria tem a palanca negra gigante que só olha os homens de longe. Falei.

Ynari estava quietinha porque sabia que tinha de ouvir os mais-velhos sem nada dizer, mas olhava para o homem pequeno e mágico, porque pouco entendia aquelas palavras. Então, o velho muito velho que inventa as palavras falou assim:

– Cada rio suas águas; cada céu suas nuvens. Peixe dentro da água brinca, fora da água sofre. O humbi-humbi não conhece gaiola, só respeita nuvem. Coisa de metal que sai fumo, vira barro. Coisa de metal como semente, vira imbondeiro. De noite, as estrelas olhar e uma só escolher. De dia, os animais caçar, seja, o alimento. Primeiro somos crianças e coração bate. Depois somos caçados por nosso coração. Depois descobrimos criança no coração. Depois a criança nos ensina outros caminhos do coração. O cágado também sabe perder. A palanca negra gigante também sabe fugir. Falei.

Então, juntos, os velhos deitaram ervas na cabaça enorme mas pequena. Olharam durante algum tempo para Ynari, e finalmente sorriram. Parecia que os dois velhos muito velhos falavam numa só voz:

– Não temos uma magia para te dar, tens que ser tu a descobrir a tua magia... Todos os cacimbos nos reunimos aqui, para destruir



palavras que já não servem, e inventar algumas que vão servir para alguma coisa. Nós conhecemos a sombra da tua magia, mas só tu podes saber onde está a própria magia. Hoje queremos oferecer-te uma palavra e dar-te uma fórmula.

Ynari sorriu, estava contente, sentiu que todas aquelas palavras lhe eram muito «úteis».

– Leva contigo a palavra «permuta» – disseram-lhe.

– E a fórmula? – perguntou Ynari.

– A fórmula está dentro do teu coração.

Ynari estava muito contente ao sair da aldeia dos homens pequeninos, e não ficou triste com a despedida. O homem pequeno e mágico acompanhava-a, e voltaram muito depressa para junto do rio.

- Tenho que ir. Amanhã posso ver-te?
– Sim, claro que podes ver-me. Amanhã cá estarei.
– Bons sonhos para ti.
– Bons sonhos para ti também, menina das cinco tranças.
– Sabes uma coisa? – disse Ynari.
– O que é?
– Os sonhos ajudam-me a viver. Acho que eles também me vão ajudar a descobrir a minha magia...

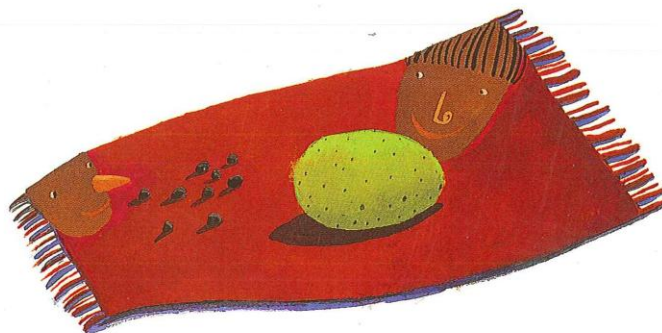
Ynari foi a correr em direcção à sua aldeia.

Era o segundo dia a seguir à caçada e ninguém se zangou por ela ter chegado um pouco mais tarde.

Ynari foi-se deitar e teve um sonho com muitas palavras novas.

Durante o sonho, um velho muito velho que explica o significado das palavras explicou-lhe o que queria dizer a palavra «permuta».

Ela fez muitas perguntas a esse velho muito velho e finalmente pensou que uma permuta era uma troca justa, em que alguém dá alguma coisa e também recebe algo, pode não ser do mesmo tamanho, ou da mesma cor, ou até do mesmo sabor... Mas Ynari entendeu que numa permuta é bom que duas pessoas, ou dois povos, fiquem contentes com o resultado dessa troca.



A menina das cinco tranças acordou muito cedo nesse dia. Caminhou em direcção ao rio. As suas águas estavam calmas e Ynari pensou que se calhar os peixes ainda estavam a dormir, e talvez estivessem mesmo a sonhar. Dos capins altos saiu, mais uma vez, o homem pequeno e mágico.



- Bom dia, homem pequeno e mágico – sorriu Ynari. – Estou contente por te ver!
- Bom dia, menina das cinco tranças. Eu também estou contente por te ver.
- Sabes, esta noite tive mais um sonho.
- E queres contar-me? – sentou-se o homem pequeno e mágico.
- Sonhei primeiro com um velho muito velho que explica o significado das palavras.
- Sim, sei quem é.
- E ele explicou-me o significado da palavra «permuta»... Mas eu também queria perguntar coisas sobre a palavra «guerra». Eu até sei como usam essa palavra, mas... para que serve a palavra «guerra»?
- Sabes, Ynari, embora eu não seja o velho muito velho que explica o significado das palavras, também eu tenho guardado



no meu coração o significado de algumas palavras. E eu acho que a palavra «guerra» não serve para nada!

– E a palavra «explosão»?

– Eu acho que a palavra «explosão» só devia ser usada noutras situações, não em situações de guerra.

– Em que situações? – perguntou Ynari, enquanto olhava para o rio, porque os peixes já saltavam, já tinham acordado.

– Queres pensar comigo? – disse o homem pequeno e mágico.

– Começa tu – pediu Ynari.

– Então, eu acho que a palavra «explosão» podia ser mais utilizada entre as estrelas. Quando elas chocam, nós aqui no planeta Terra vemos uma coisa linda acontecer no céu...

– Ah!, que bonito – exclamou Ynari. – E uma «explosão de alegria», pode ser?

– Claro! – riu bem alto o homem pequeno e mágico.

– E uma «explosão de cores»?

– Também... Também pode ser.

Estiveram um bom tempo em silêncio observando os peixes que nadavam e os pássaros que voavam. Realmente, quando se sabe ver as coisas simples da vida descobre-se que o mundo é muito, muito bonito.

Ynari, a menina das cinco tranças, deu a mão ao homem pequeno e mágico, e foram caminhando junto ao rio, sempre para sul.

– Eu acho que já descobri a minha magia – disse a menina.

– Podes vir comigo a cinco aldeias?

– Posso, se quiseres que eu vá contigo...

– Quero. Quero que vejas o que eu vou fazer e que depois vás à tua aldeia dar um recado meu à velha muito velha que destrói as palavras.

– Está bem – concordou o homem pequeno e mágico.



Ynari tinha aprendido com o homem pequeno que um sítio fica muito perto se quisermos que esse sítio esteja perto de nós. Caminharam muito, mas não estavam cansados, e assim chegaram à primeira aldeia. Ynari bateu as palmas e o soba da aldeia veio falar com eles.

– Bom dia, mais-velho – Ynari cumprimentou. Mas o mais-velho não escutou porque era surdo. Então Ynari falou com ele por gestos e ele entendeu.

– Bom dia, menina – disse, por gestos, o mais-velho.

– Diz-me uma coisa: esta aldeia está em guerra?

– Sim, estamos em guerra com outra aldeia.


– E porquê?

– Porque nós não ouvimos os passarinhos, e eles ouvem! E nós também queremos ouvir os passarinhos, as quedas-d'água, a voz das pessoas – gesticulou o mais-velho.

– Já entendi, mas diz-me uma coisa...

– O que é? – perguntou o mais-velho.

– Se eu vos ensinar a ouvir os passarinhos, vocês deixam de estar em guerra?

An illustration of a young girl with a large, round, orange face and a small, smiling mouth. She has long, dark hair styled in several braids that are tied with red ribbons. She is holding a large, round, orange pumpkin with a green stem. The background is a warm, orange-brown color. The text is overlaid on the left side of the illustration.

– Sim. Nós só queremos
saber usar a palavra «ouvir».

– Muito bem. Então peço-te
que juntes todo o teu povo hoje de noite,
faças uma fogueira, arranjes uma cabaça.
E eu vou ensinar-vos a palavra «ouvir».

Assim foi.

Preparou-se a festa, uma cabaça enorme foi
posta ao lume, e toda a aldeia foi chamada
para estar presente. Afinal, estava na aldeia
uma menina com cinco tranças
que ia ensinar a palavra «ouvir».

Ynari pediu que todos os habitantes
da aldeia fizessem uma fila, trouxessem do rio
um bocadinho de água na mão, e pusessem essa água
na cabaça. A fogueira já estava acesa, já todos tinham posto
o seu bocadinho de água na cabaça, quando Ynari disse algumas
palavras, e depois ouviu-se a palavra «permuta». Com a catana
do mais-velho ela cortou uma trança e deitou-a na enorme cabaça.

– Agora vão todos dormir... – pediu Ynari.

No dia seguinte, quando acordaram, ainda saía fumo da cabaça
enorme, e em cima dela estavam muitos passarinhos de muitas
cores a cantar. O mais-velho da aldeia desatou a dançar
alegremente porque podia ouvir os passarinhos.



Ele quis saber onde estava
a menina das cinco tranças, mas ela já não
estava na aldeia, e já não tinha cinco tranças...

A menina das quatro tranças caminhava com o homem pequeno em direcção à segunda aldeia, que era a aldeia dos que não podiam dizer palavras. Também nesta aldeia se comunicava com gestos, e assim Ynari percebeu que estas pessoas não conseguiam falar. Mas Ynari tinha aprendido muitos gestos na aldeia anterior e não teve dificuldade em entender as pessoas.

Assim, mais uma vez por gestos, começou a falar:

– Chamo-me Ynari e venho ensinar o significado da palavra «falar»...

– Pois... – lamentou-se, por gestos, o mais-velho daquela aldeia. – Nós não conseguimos «falar», e por isso andamos em guerra com outra aldeia.

– Já entendi. Mas diz-me uma coisa...

– O que é? – perguntou o mais-velho.

– Se eu vos ensinar a «falar», vocês deixam de estar em guerra?

– Sim. Nós só queremos conseguir «falar».

– Muito bem. Então peço-te que juntes todo o teu povo hoje de noite, faças uma fogueira, arranjes uma cabaça. E eu vou ensinar-vos a «falar».

– Entendi, mas diz-me uma coisa – gesticulou o mais-velho.

- O que é? – perguntou Ynari.
– Porque usas quatro tranças?
– Porque já só preciso de quatro tranças para usar a palavra «paz» – sorriu a menina das quatro tranças.
– Ah sim? Então mostra-nos como é.
– Hoje à noite mostro... – disse Ynari, enquanto piscava o olho ao homem pequeno que estava de mãos dadas com ela.

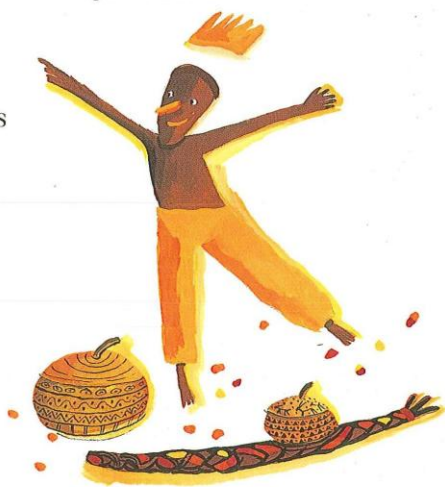
Assim foi.

Como já tinha acontecido na outra aldeia, todos trouxeram na mão um pouco de água do rio, todos estiveram junto à fogueira vendo Ynari murmurar as palavras estranhas, a palavra «permuta», e vendo também a sua quarta trança ser cortada. Depois Ynari pôs a trança dentro da enorme cabaça e todos foram dormir.

Pela manhã, o mais-velho daquela aldeia desatou aos gritos, imitando os passarinhos e os galos, muito contente porque já conseguia «falar».

Entretanto, a menina das três tranças e o homem pequeno já estavam a caminho de outra aldeia: a aldeia daqueles que não viam o rio.

Estes podiam «falar» e até «ouvir» mas andavam na guerra porque queriam «ver». O mais-velho explicou a Ynari



que era muito difícil estar na guerra sem ver nada, que morria muita gente por causa disso, e Ynari explicou-lhe que a guerra era isso mesmo, uma cegueira que só trazia mortes.

– Mas diz-me uma coisa...

– O que é? – perguntou o mais-velho.

– Se eu vos ensinar a «ver», vocês deixam de estar em guerra?

– Sim. Nós só queremos saber «ver».

– Muito bem. Então peço-te que juntes todo o teu povo hoje de noite, faças uma fogueira, arranjes uma cabaça. E eu vou ensinar-vos a «ver».

– Entendi, mas diz-me uma coisa – gesticulou o mais-velho.

– O que é? – perguntou Ynari.

– Porque usas três tranças?

– Porque já só preciso de três tranças para usar a palavra «paz» – sorriu a menina.

– Ah sim? Então mostra-nos como é.



E mais uma vez se reuniu o povo, se acendeu a fogueira com muito cuidado, e Ynari murmurou as suas

palavras estranhas, a palavra «permuta», e cortou a terceira trança. Depois todos se foram deitar.

No dia seguinte, o mais-velho da aldeia desatou aos gritos logo muito cedo, pois tinha sido acordado pelos primeiros

raios de Sol. Todos alegres, foram olhar as coisas: o rio, os animais, a cor das flores e do céu, e já não tinham nenhuma razão para usar a palavra «guerra».

Ainda mais para sul, a menina e o homem pequeno chegaram à aldeia dos que não sentiam o cheiro das flores. O mais-velho da aldeia explicou a Ynari que eles nunca tinham sentido o cheiro das coisas, da fruta, do peixe-seco, da fuba. E que estavam em guerra com outra aldeia para que pudessem saber o significado da palavra «cheirar».

– Mas diz-me uma coisa...

– O que é? – perguntou o mais-velho.

– Se eu vos ensinar a «cheirar», vocês deixam de estar em guerra?

– Sim. Nós só queremos saber «cheirar».

– Muito bem. Então peço-te que juntes todo o teu povo hoje de noite, faças uma fogueira, arranjes uma cabaça.

E eu vou ensinar-vos a «cheirar».

– Entendi, mas diz-me uma coisa – quis saber o mais-velho.

– O que é? – perguntou Ynari.

– Porque usas duas tranças?

– Porque já só preciso de duas tranças para usar a palavra «paz» – sorriu a menina.





– Ah sim? Então mostra-nos como é.

E foi o mesmo de sempre: cabaça enorme, fogueira, todos de água na mão, e Ynari murmurando as palavras estranhas, a palavra «permuta», e cortando mais uma trança.

No dia seguinte, todos naquela aldeia sentiram o cheiro das flores, muitos espirraram por causa do pó das asas das borboletas, outros brincaram deitados no chão cheirando a relva ou pequenas flores.

Ynari caminhava de mãos dadas com o homem pequeno e chegaram à quinta aldeia. Nesta aldeia não sentiam o sabor dos alimentos. Comiam de tudo, mas não conheciam a diferença entre o doce e o salgado, entre a manga e o maboque, entre a cana-de-açúcar e o peixe-seco. E só por isso andavam em guerra.

– Bom dia, mais-velho... – Ynari cumprimentou.

– Bom dia, menina de uma trança só – disse o mais-velho.

– Diz-me uma coisa: esta aldeia está em guerra?

– Sim, estamos em guerra com outra aldeia.

– E porquê?

– Porque nós não sabemos o significado da palavra «sabor»!

E nós também queremos experimentar o «sabor» dos alimentos – explicou o mais-velho.

– Já entendi... Mas diz-me uma coisa...

- O que é? – perguntou o mais-velho.
- Se eu vos ensinar a sentir o «sabor», vocês deixam de estar em guerra?
- Sim. Nós só queremos saber usar a palavra «sabor».
- Muito bem. Então peço-te que juntes todo o teu povo hoje de noite, faças uma fogueira, arranjes uma cabaça. E eu vou ensinar-vos a palavra «sabor».
- Mas diz-me uma coisa – quis saber o mais-velho.
- O que é? – perguntou Ynari.
- Porque usas uma trança só?
- Porque já só preciso de uma trança para usar a palavra «paz» – sorriu a menina.
- Ah sim? Então mostra-nos como é.

Era uma aldeia muito grande, e também foi grande a fila que fizeram desde o rio até à cabaça enorme que estava em cima do fogo.

Ynari, a menina que já só tinha uma trança, murmurou as palavras estranhas, disse a palavra «permuta», e cortou a última trança que tinha. Depois falou para todos:

- Hoje usei a minha última trança. Amanhã de manhã, já podem comer as frutas e todos os alimentos sabendo o significado da palavra «sabor». Queria pedir-vos uma coisa: deixem de usar a palavra «guerra». Estive numa aldeia onde ninguém conhecia o significado da palavra «ver», e andavam



em guerra com outra aldeia pensando que isso lhes ia ensinar a «ver». Mas não, a palavra «guerra» é parecida com a palavra «desaparecer», que é parecida com as palavras «deixar de viver». A partir de amanhã não procurem mais a palavra «guerra» porque ela vai deixar de existir... – piscou o olho ao homem pequeno.

Na manhã seguinte, muito cedo, as pessoas da aldeia foram comer, comeram muito, até de mais, porque queriam conhecer os vários significados da palavra «sabor», que era diferente se comessem peixe ou carne, banana ou mandioca.

Caminhavam de novo junto ao rio. Ynari, a menina sem tranças, e o homem pequeno voltaram a sentar-se no mesmo sítio de sempre, onde pela primeira vez se tinham encontrado.

– Sabes, homem pequeno – começou a falar Ynari. – Estou muito contente por ter descoberto a minha magia.

– Eu também estou contente por ti, Ynari.

– Agora quero pedir-te um favor.

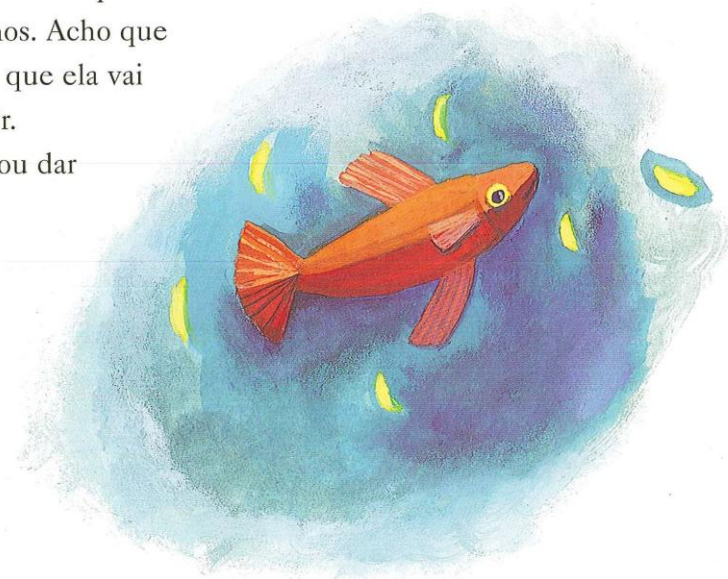
– E qual é?

– Quando chegares à tua aldeia, vai falar com a velha muito velha que destrói as palavras e diz-lhe que eu mandei por ti uma palavra para ela destruir...

– Queres que ela destrua a palavra «guerra»?

– Sim. Explica-lhe o que vimos e o que ouvimos. Acho que é uma palavra que ela vai querer destruir.

– Está bem, vou dar o teu recado.



- Olhá, tenho que ir. Na minha aldeia já devem estar preocupados, desta vez demorámos mesmo muito tempo – sorriu a menina sem tranças.
- Está bem – concordou o homem pequeno.
- Acho que está na hora de usarmos a palavra «despedida»...
- Também acho.
- Sabes uma coisa, homem pequeno?
- O que é, Ynari?
- Para mim, a palavra «despedida» tem muito da palavra «encontro» e um bocadinho também da palavra «saudade».
- Explica-me – disse o homem pequeno enquanto se levantava.
- Não sei explicar muito bem... Mas, desde a primeira vez que te vi, eu senti uma coisa no meu coração...
- No teu coração?
- Sim, cá dentro, neste coração que é pequenino e que é tão grande... Eu vou te contar um segredo.
- Conta.
- Mas não digas nada ao velho muito velho que inventa as palavras.
- Está bem – sorriu o homem pequeno.
- Eu acho que o meu coração também inventa palavras... No dia em que te vi, logo-logo, o meu coração inventou para nós a palavra «amizade».
- Eu sei, Ynari, eu também senti o mesmo.
- A sério?
- Sim – disse o homem pequeno. – Agora já sabes...



- Já sei o quê? – perguntou Ynari, a menina sem tranças.
– Assim como há um velho muito velho que inventa as palavras, também o nosso coração, quando precisa, sabe inventar palavras.

Ynari levantou-se. Já tinham usado a palavra «despedida», agora estavam a usar as palavras «olhar para o outro». Estiveram assim algum tempo.

- Quando é que nos voltamos a ver? – perguntou Ynari.
– Sempre que quisermos.
– Mas tu vives tão longe...
– Há muitas maneiras de se ir muito longe – disse o homem pequeno.

- Diz-me uma.
- Tu sabes...
- Achas que posso apanhar boleia do humbi-humbi?
- É uma ideia, ele é rápido.
- Mas eu sou tão pesada para ele...
- Mas não és pesada para o coração dele – sorriu o homem pequeno. – Experimenta viajar no coração do humbi-humbi...
- Está bem, está bem – começou a correr Ynari. – Adeus, até qualquer dia!
- Adeus. Estamos juntos. Eu também sei viajar no coração do humbi-humbi.
- Eu sei – disse Ynari. – Agora já sei!

E, como dizem os mais-velhos, foi assim que aconteceu.

